

N.º 3

FEVEREIRO

1881

REVISTA
SCIENTIFICA E LITTERARIA

DIRECTORES

Antonio Feijó e Luiz de Magalhães

COLLABORADORES

Dr. Emygdio Garcia, Dr. Corrêa Barata, Dr. Augusto Rocha,
Aristides da Motta, A. Feijó, J. Botelho Riley, Leopoldo Mourão, Luiz de Magalhães,
Luiz Woodhouse, Carlos Lobo d'Avila, João Pinto dos Santos,
A. Henriques da Silva, Manuel da Silva Gayo, Luiz Osorio,
A. Rodrigues Braga, Eduardo de Araujo, Pedro de Mascarenhas Gaivão,
Alfredo Paçõ-Vieira, Miguel Baptista da Silva, Antonio Pinto de Mesquita,
etc., etc., etc.

Redacção e administração—Rua da Trindade, 56—COIMBRA



REVISTA
SCIENTIFICA E LITTERARIA
SUMMARIO DO NUMERO 3.º

Necessidade do estudo scientifico da funcção commercial.....	A. Pinto de Mesquita.
Sunt lacrymae rerum (<i>poesia</i>).....	Antonio Feijó.
Os pós d'arroz (<i>conclusão</i>).....	Luiz de Magalhães.
Entre sombras (<i>poesia</i>).....	A. Rodrigues Braga.
O romance realista e a esthetica positiva.	L. de Magalhães.
Savonarola (<i>soneto</i>).....	Manuel da Silva Gayo.
Duas quadras.....	Antonio Feijó.
O catholicismo e a sciencia.....	C. Lobo d'Avila.
Madre Paula (<i>poesia</i>).....	A. Paçô-Vieira.
Bibliographia—IV. <i>Elementos de Antropologia</i>	Luiz Woodhouse.
—V. <i>Portugal Contemporaneo</i>	Luiz de Magalhães.

~~~~~

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS — *Portugal Contemporaneo*, por J. P. Oliveira Martins; *Questões de Philosophia Natural*, pelo dr. Albino Giraldes; *Lyra intima*, por Joaquim de Araujo, etc., etc.

## REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

N.º 3

FEVEREIRO

1881

## NECESSIDADE DO ESTUDO SCIENTIFICO DA FUNÇÃO COMMERCIAL

«L'histoire montre que l'esprit humain, nourri par un constant apport de connaissances nouvelles, grandit periodiquement au point de ne pouvoir tenir dans une enveloppe qu'il déchire pour apparaitre sous une forme nouvelle, de même que la chenille, qui se nourrit et grossit, brise sa peau trop étroite et en prend une nouvelle, elle même temporaire.»

E' assim que o celebre anatomista inglez Huxley caracteriza magistralmente o modo como se desenvolve o espirito humano pelo continuo augmento dos conhecimentos positivos. «De tempos a tempos, diz Büchner, a intelligencia humana, alimentada por um constante desenvolvimento de conhecimentos acha-se apertada no seu envolucro theorico, este rompe-se para um outro lhe succeder.»

Effectivamente, ao passo que umas hypotheses desaparecem deante de novos phenomenos que as contradizem, outras se levantam, que, harmonisando-se com elles, tiram o espirito do puro empirismo dos factos. É só por meio de continuas tentativas que podemos chegar a construir uma theoria, que ao mesmo tempo satisfaça ás mais altas aspirações do espirito humano, e se conforme com todos os phenomenos observados, reunindo-os debaixo d'uma lei geral.

A generalisação conduz a maior parte das vezes a resultados falsos por se fundar em dados insufficientes; porém, é só por meio d'essas tentativas prematuras que podemos chegar a attingir os principios definitivos que constituem a base das sciencias. É por este processo que todas ellas se têm formado, desde a astronomia, que remonta aos seculos 16 e 17, até á sociologia, que foi uma creação de A. Comte quasi no meado do seculo actual. Antes d'este philosopho havia apenas os materiaes espalhados por todas as camadas sociaes; foi elle que os assimilou, coordenando-os, encadeando-os uns aos outros, fazendo um corpo vigoroso d'aquillo que primeiro não formava senão um conjunto de membros dispersos e sem relação.



Como muito bem diz Haeckel, «uma doutrina puramente empirica, compondo-se exclusivamente de factos, não é senão um montão informe, que nunca merecerá o nome de construcção. Os factos brutos não são senão os materiaes, só o pensamento philosophico d'elles póde fazer uma sciencia.»

Hoje a sciencia social, ainda que no periodo de elaboração, achase constituida, porque tem principios seus, methodos e processos proprios e um contheudo composto de phenomenos completamente distinctos de todos os que fazem objecto das outras sciencias. As suas ramificações, porém, apenas tem sido estudadas empiricamente, e as sub-ramificações mal se destacam do seu conjuncto por emquanto informe. Está n'este caso o estudo scientifico da funcção commercial, ou por outra, da funcção de distribuição no organismo social. Ella é um accessorio da funcção de nutrição, objecto da Economia politica, que abrange o estudo da producção, distribuição e consumo.

A sciencia commercial póde, portanto, integrar-se na sciencia economica, como sendo um dos seus ramos mais importantes.

Sendo a sciencia commercial, ou antes o estudo scientifico da funcção commercial, uma sub-ramificação da sciencia social, devem-lhe ser applicados todos os methodos e processos de que esta usa, servindo-lhe ao mesmo tempo de base os principios por ella estabelecidos.

Effectivamente o apparelho commercial executa a funcção de distribuição no organismo social. É o facto da circulação, e só elle, que caracteriza scientificamente os actos commerciaes. E não se diga que a circulação é uma palavra muito vaga para servir de característica aos phenomenos d'uma sciencia; se muitas vezes não nos é possivel distinguir todos os casos em que ha circulação de productos, isso deriva da imperfeição de nossos meios actuaes de conhecimentos e não dos phenomenos em si.

Aquelle que quizesse argumentar com esse facto para contestar a legitimidade da sciencia commercial deveria, para ser consequente, negar a existencia da chimica, da biologia, da psychologia e da sociologia. Effectivamente onde acabam os phenomenos physicos para começarem os chimicos? Em que ponto é que o estudo das substancias albuminoides deixa de pertencer á chimica organica para fazer objecto da biologia? Que parte das funcções intellectuaes e moraes pertence á biologia e qual é a que faz objecto da psychologia? Quando é que o desenvolvimento intellectual, moral e esthetico deve deixar de se considerar um phenomeno do ser individual para se tornar uma manifestação do grande ser colectivo—a sociedade—?. E comtudo ninguem

hoje contesta a independencia das differentes sciencias na sua ordem hierarchica. A difficuldade está apenas em lhes traçar os limites.

O estudo da funcção commercial que hoje está sendo feito á face dos principios da philosophia experimental, já primeiro foi intentado pelas escholas theologica e metaphysica, as quaes, longe de guiar o espirito, o têm embrenhado n'um dédalo de concepções subjectivas e de contradições inevitaveis.

A theologia não vê na coexistencia e na successão dos phenomenos sociaes senão o resultado da vontade d'um Ente supremo; e em todos os acontecimentos da historia, ella procura descobrir o dedo de Deus. A refutação do criterio theologico está mais que feita, e não seremos nós que levantaremos questões mortas. Cingir-nos-hemos a apresentar o julgamento da sciencia sobre a theologia.

O criterio theologico é exclusivista, justifica todos os absurdos, logo que concorram para uma certa conclusão, salta por cima de todos os principios, evita todas as difficuldades, só para attingir um fim anteriormente determinado, encerra o espirito n'um circulo de ferro, isolando-o de todo o movimento social e scientifico. O tempo da theologia passou de vez e para sempre. Durante muitos seculos foi ella a principal alavanca do progresso. Conduziu a humanidade até ao meio da montanha que esta tinha de superar; chegando ahi, porém, achava-se preenchida a sua missão; as suas forças estavam exhaustas: um braço mais poderoso que o seu, o da sciencia, estava destinado a guiar a humanidade aos mais altos destinos, ás mais elevadas concepções. A theologia, porém, não se conformou com o papel secundario que devia representar, reagiu, oppoz-se, perseguiu, até cahir extenuada e abandonada pela evolução social, julgando ainda segurar a humanidade, quando já não estreitava senão a sua sombra. Quem a estuda deve fazer como o anatomista, reconstruindo um animal com alguns restos que d'elle possui, ou como o architecto que em face d'uma fachada d'um templo antigo o reproduz completo na mente ou no papel.

A metaphysica afigura-se-nos como um inimigo mais terrivel, por isso mesmo que ainda hoje tem subordinados a si muito bons espiritos, especialmente no dominio da sciencia social. A existencia d'esta é ainda actualmente desconhecida por muitos que aliás cultivam com proveito outros ramos de conhecimentos humanos. A cada passo encontramos espiritos educados no terreno das sciencias naturaes a admittirem a concepção positiva do mundo até á biologia inclusivè e serem completamente metaphysicos em sociologia, isto é, substituirem á observação directa dos phenomenos e á inducção segura das suas leis, o arbitrio das concepções subjectivas e até os caprichos da imaginação.

A astronomia, a physica, a chimica constituem um patrimonio exclusivo d'aquelles que as cultivam, n'este sentido de que ninguem extranho a ellas tem a temeridade de emitir opinião sobre os seus problemas. Em biologia já notamos um certo arbitrio, devido ao atrazo em que ainda se encontra esta sciencia, arbitrio que se torna mais saliente na parte applicada da sciencia, por exemplo, na therapeutica. A cada passo vemos charlatães, bem acolhidos pela sociedade, que têm a pretensão de curar todas as molestias com um remedio qualquer por elles inventado. Não nos é difficil encontrar individuos de certa illustração que duvidam da efficacia da medicina.

Este modo erroneo de vêr as cousas, que já se descobre em biologia, manifesta-se com redobrada força em sociologia, onde os phenomenos são muito mais complicados, achando-se o seu estudo scientifico ainda muito pouco desenvolvido. Todos emittem a sua opinião sobre o nosso estado social, sobre o modo de resolver as difficuldades, que n'elle surgem, etc., sem se lembrarem que taes questões são mais espinhosas que as mais complicadas de astronomia e de physica.

Não ha nenhuma instituição nem mesmo nenhuma medida do governo que não suscite mil opiniões contrarias, todas de igual valor scientifico, isto é, equivalentes a—zero—. Mas o que é mais para lastimar é o arbitrio com que muitos homens eminentes procedem no dominio dos phenomenos sociaes, ao passo que esses mesmos individuos dão provas das mais elevadas faculdades de observação e de inducção no estudo d'outros phenomenos naturaes.

Este estado pathologico do espirito humano resulta da epocha de transição que estamos atravessando e de que precisamos sahir o mais depressa possivel. A anarchia intellectual, que por tanto tempo preencheu o campo de todas as sciencias, tenta ainda continuar o seu dominio no ultimo baluarte que lhe resta, é porém necessario expulsal-a mesmo d'ahi para a completa unificação dos conhecimentos humanos.

Como diz Comte, «não ha liberdade de consciencia em astronomia, em physica, em chimica, em physiologia mesmo, no sentido que cada um acharia absurdo não crêr com confiança nos principios estabelecidos n'essas sciencias. Se outra cousa se dá em politica, é isso unicamente devido a que, tendo cahido os antigos principios sem os novos estarem formados, não ha propriamente n'este intervallo principios estabelecidos.»

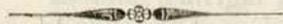
Devemos estudar a sciencia social, como diz Spencer, subindo methodicamente das causas proximas ás causas affastadas, e descendo dos effeitos primarios aos effeitos secundarios e terciarios.»

O campo dos phenomenos commerciaes acha-se aberto a todas as escholas; ellasahi pódem combater debaixo da protecção do principio da liberdade de pensamento que dá eguaes direitos a todos os contendores; ahi se encontram face a face a theologia, a metaphysica e a sciencia. A lueta tem sido renhida, um dos athletas, porém, já está fóra de combate, e o outro não tarda a segui-lo. N'esta lueta pela existencia, a selecção natural deu a palma á sciencia experimental.

Não nos deixemos porém illudir com a victoria; o periodo que estamos atravessando é ainda de lueta e de combate, lueta para a existencia actual, combate para a conservação futura dos resultados adquiridos. «Desgraçados de nós, diz com razão Vogt, se julgamos poder saltar os obstaculos a pés juntos e com os olhos fechados, e se, arrastados por uma imaginação ardente ou por um desejo de attingir o fim, desprezamos as bases de toda a sciencia positiva para nos entregarmos a conjecturas temerarias!»

N'esta nova senda que se nos depara, precisamos de caminhar com toda a prudencia, porque, como muito bem diz Strauss, ainda ahi encontramos pedaços por concluir, outros não arroteados, obstaculos e desabamentos que impedem o livre transito, pedras novas que ainda não tiveram tempo de se polir e de se nivelar. Ella, porém, é a unica via do futuro, exige apenas aperfeiçoamentos parciaes, e frequentação mais geral para se tornar mais commoda e agradável.

ANTONIO PINTO DE MESQUITA.



---



---

## SUNT LACRYMAE RERUM

## I

*Super flumina Babylonia...*

N'esta idade cruel d'heroicos movimentos  
que são as convulsões d'um grande Allucinado,  
quem ha que se extasie ante o luar gelado  
e o profundo chorar monotono dos ventos?!

Queimaram-se na luz do Pensamento alado  
o nosso coração e os velhos sentimentos...  
e o Mar soluça ainda os funebres lamentos  
ao resvalar do Sol no poente ensanguentado...

No delirio da vida, a Sociedade, agora,  
é vertigem que segue o rutilar da Aurora...  
e só tu, Natureza, athletica repousas!...

Ninguem, ninguem entende a embriaguez dos lyrios,  
as tristezas da tarde e os lugubres martyrios  
que rasgam noute e dia as angustiadas Cousas!...

## II

*Per amica silentia luna...*

Que profunda tristeza dolorosa  
ostenta a Natureza em noites claras!  
geme o vento nas trémulas searas  
uma canção tristissima e chorosa...

O orvalho sobre o lyrio pudibundo  
crystallisando a gota melindrosa,  
é talvez uma lagrima saudosa  
do luar silencioso e vagabundo...

Os arvoredos têm uma linguagem  
erguendo para o Ceu desesperados  
os enormes suspiros da folhagem...

A flôr ostenta os seios golpeados,  
rolam prantos amargos da ramagem  
dos chorões de cabellos desgrenhados...

## III

*Cor Naturæ conturbatum est...*

Ninguém entende a tua dôr maguada,  
o teu comprido chôro, oh Natureza!  
sempre envolvida em mantos de tristeza,  
por canticos soturnos embalada...

Ninguém entende a tua dôr sombria,  
nem os gritos convulsos da Rajada,  
nem o pranto, que em noite constellada,  
dos astros moribundos se desfia...

Por toda a parte as Cousas vão morrendo  
com as tristezas do luar batendo  
nas ruínas d'um palacio abandonado...

O coração da Natureza chora  
quando o Sol no poente se descora  
como um titan que morre estrangulado...

## IV

*De risu oritur dolor...*

Na attitude das Cousas silenciosas  
eu leio claro as suas lendas vivas:  
ha voluptias no calice das rosas  
e gemidos d'amor nas sensitivas...

Mas entre as alegrias mentirosas  
tambem descobro maguas pungitivas,  
lamentações e lagrimas piedosas  
como o pranto das almas afflictivas...

Ha dôres fundas nas paysagens ledas!  
gritos, soluços, no rugir das sedas  
e tristezas na lua congelada...

E ninguém sabe, nem calcula ou pensa,  
que tambem é soturna, grave, immensa,  
a tristeza fatal d'uma risada!...

ANTONIO FELJÓ.

## OS PÓS D'ARROZ

— Historia de uma iniciação —

(CONTO)

(Conclusão)

E dizendo isto voltou-se para accender o seu cachimbo de madeira, feito por elle mesmo, havia mais de cinco annos, quando ainda estava no collegio.

Em frente d'elles repetia-se o mesmo espectaculo de ha tres dias. Sómente agora sobre a massa esfumeada do mar o crescente prateado lançava uma claridade pallida como o brilho das opalas; e sobre o rio assombreado uma fita de neblina, immovel na serenidade do ar, alvejava, iriada de reflexos prateados. A noite cahia lentamente num socego absoluto. Sobre o rio os pharoes dos navios ancorados brilhavam no mysterio da sombra. E em cima no ceu de um azul sombrio, limpo, infinito, as constellações accendiam-se umas após outras, a perder de vista, indefinidamente.

—Que linda noite, Roberto!

Era a tia Marianna que sahira para o terraço com o irmão.

—Soberba, minha tia. E' d'isto que nós não temos sempre em Inglaterra.

—Deve fazer saudades, notou distrahidamente Paulina.

—De certo, respondeu Roberto. Aos primeiros tempos para nós, os meridionaes, aquella ausencia quasi continua do sol e das estrellas entristece-nos. Mas depois acostuma-se a gente. Olhem: sabem do que eu vou ter saudades este inverno? E' do gelo. Gosto tanto de patinar! Em Edimburgo era um dos membros mais assiduos do Skating-Club. O que se faz aqui de inverno?

—Ha o theatro italiano, respondeu Paulina.

—Sim. Mas de dia?

—De dia ha aos domingos o passeio do Palacio do Crystal.

—Já me fallaram nisso. Um horror de picadeiro!—Mas então ninguem passeia pelo campo? não ha comboyos de recreio? não ha partidas de *canotage* no rio? não ha um salão d'armas? um tiro ao alvo? um campo de *cricket*?

—Eu não sei, tornou Paulina, desolada por ignorar a existencia de todos estes recreios.

—Mas então isto é uma terra morta! Por Deus! Mas não se trabalha ao menos? ninguem se preocupa com nada?

E cheio de uma colera fria criticou a preguiça nacional, os habitos molles dos portuguezes.

Para elle—um forte, um energico, um trabalhador invencivel pelo cansaço, alegre nas suas obrigações — o marasmo da patria entristecia-o. O seu espirito comprazia-se na ruido do trabalho. Em Londres — nos caes sonoros de bulicio, nas fabricas enormes cheias de gente preocupada, nas *gares* em movimento continuo, nas dokas coalhadas de navios, no borborinho das labutações commerciaes—a vida era-lhe como uma palpitação, mais ou menos prolongada, do pulso d'este grande organismo, que se chama a Industria. A sua educação práctica, inglesa, fundida com o seu temperamento meridional fez d'elle, além de um technico distincto, um philosopho razoavel e um poeta pela grande sensibilidade da sua intelligencia e do seu coração. Quando podia deixar por instantes a mira e o prumo, quando não tinha de dirigir o rompimento de um tunel ou a construcção de uma ponte, os livros dos grandes pensadores modernos e dos grandes poetas absorviam-no horas inteiras. Os seus auctores perdilectos eram sempre espiritos vigorosos; mas acima de todos elle punha dois—Spencer e Victor Hugo. Na disciplina da vida ingleza elle encontrava alguma cousa mais do que o resultado financeiro, alguma cousa mais do que a victoria do egoismo utilitario. Ao seu espirito imaginoso essa vida affigurava-se a grande disciplina da razão sobre os sentimentos e as emoções, o triumpho do homem sobre si mesmo. Percebia nella uma *naturalisação* do homem, uma nobre integração das forças humanas no eterno trabalho do mundo. Esta existencia de trabalhador robusto dava-lhe uma indefinida consciencia de dignidade, que era para a sua alma a mais doce embriaguez do sentimento. Por isso a inacção d'um paiz exaustado e triste, sem trabalho e sem prazer, punha-lhe sombras no coração.

Ao espirito de Paulina este homem ia tomando proporções cada vez maiores. Ella ambicionava submeter a sua fraqueza á protecção d'aquella força attraente e sympathica. E agora admirava-o—de uma admiração que aspira inconscientemente, como a que as flores devem ter pelo sol.

Passaram-se dias, semanas; passaram-se mezes. Estava-se no inverno, um triste inverno enluctado de nevoeiros perennes, lacrimoso de chuvas torrenciaes, epileptico de tempestades imprevistas. O sol, isolado no alto azul, nem um só dia lograva entre o veu opaco das nuvens tocar com os seus beijos luminosos o seio da terra. Era uma viuvez desolada.

Neste dias melancholicos, em que o ar sujo, torna repulsiva a vista da natureza, o instincto faz-nos concentrar na vida do interior. Uns accendem o seu lume, e hibernam no calor doce da existencia domes-

tica. Outros, avidos de movimento, correm os theatros deslumbrantes de gaz, os bailes e os saráus, cheios de animação elegante, recolhidos no fundo dos seus *coupés* confortaveis, as cortinas corridas para evitarem o aspecto desconsolador das ruas enlameadas, das arvores despidas, e do ceu côr de cinza, em aguaceiros continuos.

Paulina de inverno ia perdida no turbilhão dos que se divertem. E só lamentava que o Porto fosse tão semsabor — sem recepções em dia prefixo, sem Italianos de primeira ordem, sem bailes cada semana, como em Paris—o seductor Paris que ella conhecia pelas chronicas de *high-life* do *Figaro* e da *Illustration*.

Mas nesse inverno a elegante de quem a calçada dos Clerigos commentava as *toilettes* imperiosas, a *estrella mais luminosa do brilhante zodiaco das frisas de S. João*, como lhe chamava um folhetinista indigena, o Queiroz do *Suisso*; Paulina, emfim, não se tinha ainda mostrado uma unica vez no theatro, não tinha ido aos tres primeiros bailes com que se inaugurára a epocha das recepções.

E a calçada dos Clerigos, perguntava cheia de curiosidade:—Que será feito d'ella?...—

*Ella*—durante esse inverno—iniciava-se numa vida absolutamente nova, recolhida entre as quatro paredes da sua casa, quasi sem lembrança dos seus antigos pares, dos seus adoradores de outro tempo, como se um grande abysmo se tivesse feito entre o seu passado e o seu futuro.

E, na verdade, um grande abysmo abrirá-se-lhe na sua existencia. Com a direcção de Roberto, aquella cabecinha vazia e futil, orientara-se num rumo de seriedade e senso commum, com uma rapidez de pasmarr. Do mais fundo d'aquelle espirito Roberto havia tirado um cahos de bugigangas, um lixo de ridiculos — caixas de pós d'arroz, ferros de frizar, tranças falsas, um mundo de *maquillages* de Piver, guarda-roupas repletos de *toilettes* espaventosas, um toucador de *cocotte*, sapatos bordados com tacões á Luiz XV, uma bibliotheca inteira de romances de Dumas e Ponson, jornaes de modas, uma gaveta cheia de cartas confidenciaes de amigas apaixonadas e de pequenas recordações de antigos bailes, amabilidades, declarações, um *spartito* inteiro da *Traviata*, a *Linguagem das flores*, e um album com versos piegas e prosas delambidas.

Em seguida, a pouco e pouco, Roberto, depois d'esta limpeza geral, começou a metter-lhe dentro do cerebro todo um mundo saudavel de ideias e noções.

Reformou-lhe a sua pequena bibliotheca. Onde estavam os romances de Feuillet appareceram os de Dicken e de Julio Diniz, onde se intrincheirava o *Rocamboles* appareceu a obra de Walter-Scot. Deu-lhe alguns livros de Victor Hugo, os melhores romances de Balzac como a *Eugenie Grandet*, os livros incomparaveis de Michelet, *La Mer*, *La Montagne*, *L'Oiseau*, *L'Amour*, etc., e os seus elevados estudos de His-

toria. Desviou-lhe o espirito da leitura banal dos recitadores ao piano para a emoção superior que nos excitam os poemas dos grandes genios. Essa emoção creou-lh'a elle explicando-lhe o Dante, Camões, Shakspeare, Milton. Depois iniciou-a na serena e casta poesia da vida domestica. E a par dos seus conselhos pensados, reflectidos e ditados amoravelmente, fazia-a ler tratados de hygiene e de cosinha, livros sobre a vida do interior, e muitos trabalhos sobre educação—especialmente o livro immorttal de Spencer.

E agora era um gosto vel-a—a antiga *coquette*—tão simples, grave e encantadora na sua singela *toilette* de flanela azul, o molho das chaves pendente do largo cinto de *moscovia*. Tinha diminuido um bom decimetro —roubado aos tacões e ás proporções do penteado. Parecia outra—mais seria, mais nobre, mais dignamente mulher. O seu cabello castanho, separado por uma fina risca côr de rosa, passando alisadamente para traz das orelhas até se prender na nuca em duas tranças enroladas e seguras por uma flor natural, —dava-lhe um bello tom de gravidade que fazia realçar a frescura juvenil do seu rosto oval, d'uma pureza de côr, de um assetinado de fazer inveja ás camelias mais finas. Nesse rosto um nariz correcto, uns bellos olhos negros *taillés en amende*, e uma pequena bocca rosada e fresca, deixando ver num sorriso delicioso e ingenuo os dentes esmaltados — formavam a mais nobre e sympathica physionomia do mundo.

E Roberto, ao vel-a fallar despertenciosamente das panellas e das gallinhas, ao vel-a ler com interesse tratados de *basse-cour* e livros de Historia Natural, ao vel-a projectar uma estação de primavera na aldeia, fazendo pasmar a mãe com esta transformação inesperada, sorria-se intimamente com o seu bom sorriso satisfeito e honrado, e dizia de si para si: — Ainda bem que me não enganei. Esta pequena era uma veia de ouro desconhecida. Que diabo d'homens serão estes meus compatriotas, que nada aproveitam e estragam tudo?!...—

---

Sucedeu o que fatalmente tinha de succeder.

A ideia nos espiritos são determina o sentimento. A duas intelligencias unidas correspondem quasi sempre dois corações unidos. Mas se uma se deve á outra o sentimento redobra pela gratidão da que foi educada e pela affeição paternal da que educou. Então as duas almas amam-se.

Porisso Roberto e Paulina amaram-se.

Mas de que amor!

Era um nobre amor consciente, nascido, não de uma sympathia caprichosa, de uma coincidencia de temperamentos, de um desejo mutuo, mas de uma conquista trabalhosa que um espirito forte fizera de um espirito fraco; — de uma conquista planeada, lentamente levada a

effeito, uma conquista que se jogára contra um mundo de preconceitos radicados, de innumerables vícios de educação.

Roberto tinha sobre esse amor um grande direito—o de o ter creado. Paulina tinha outro direito não menor—o da confiança.

Um dia estavam no campo. Era em maio. Tudo floria, numa aspiração fecunda de vida. O sol envolvia a terra na quentura do seu amplexo amoroso e creador. As arvores na plena saude da sua robustez athletica respiravam poderosamente no ar e sugavam no sólo as vivificantes ondas da seiva. A luz tinha vibrações invisiveis no ceu indefinido, limpido como um crystal azul. Das espessuras, como de alcovas perfumadas, vinham os rumores mysteriosos do amor dos passaros e dos insectos. E em tudo, esta palavra unica—retida ha muito nos seus labios, mas já gravado nos seus corações—corria como um susurro ignoto por toda a natureza—Amor!

Um acaso obrigou-os a confessarem-se.

Estavam debaixo de uma sombra de castanheiros. A alguns metros um ribeiro murmurava, correndo entre frescos *bouquets* de nenuphars e fetos. Em volta d'elles um tapete de myosotis, margaridas e malmequeres, esmaltava de azul, de branco e de amarello a verdura avelludada da relva. Sobre as suas cabeças um mundo de pardaes, verdelhões, chascos, piscos, faziam um concerto destemperado, um *charivari* alegre e vivo. Numa sebe ao pé os melros assobiavam contentes e felizes. Na luz as borboletas prateadas, as joaninhas, as finas *demoiselles* de azas transparentes, as abelhas côr de ouro voejavam na embriaguez do amor. Por toda a parte, enfim, uma nota feliz de mocidade, abrindo ao espirito a secreta região das esperanças, vibrava unisonamente com a franca expansão da luz—a sonora gargalhada da Natureza.

Tinham-se encontrado casualmente ali. Roberto vinha de um dos seus longos passeios, que faziam o espanto dos sedentarios portuenses. Com um largo *veston* de flanela branca desabotoado, uma fresca gravata de chita, as calças arregaçadas, um chapéu de palha de grandes abas e um pau ferrado, Roberto fora visitar a duas leguas de distancia uma presa d'agua pittoresca em que lhe tinham fallado. Vinha afogueado pelo sol e pela marcha, mas sem o mais leve signal de cansaço.

Paulina estava ali, realmente encantadora, debaixo do seu largo chapéu de lona com um veu de cassa branca. Tinha na mão um livro.

—Tu por aqui! disse-lhe Roberto ao vel-a.

—É verdade, respondeu ella serenamente. Vim permittir-me um pequeno capricho do meu passado.

E sorriu-se. Continuou depois de uma pausa:

—Vim procurar uma sombra romantica para ler este livro.

Mostrou-lh'o. Era um volume tirado da pequena bibliotheca que seu primo trouxera para os Canaes; e elle não pôde suster uma gar-

galhada ao ver as alegres aventuras de caça do Barão de Crac-Munchausen, um livro das mais disparatadas petas, das máis phantasticas scenas de caça, que um inglez póde imaginar.

—Estás curada, Paulina! disse-lhe Roberto com affecto. Estás curada! Hoje reconheço que enterraste de todo a bella *coquette* inutil, que eu vim encontrar, ha perto de um anno, na minha volta de Inglaterra.

Mas depois a sua alegria perturbou-se de subito e tristemente, continuou:

—É verdade: uma má noticia. Agora na villa deram-me ao passar pelo correio esta carta, que é, nem mais, nem menos, um aviso da direcção da Companhia mandando-me apresentar no praso de dois mezes na Italia para tomar a direcção dos trabalhos de uma nova linha, de que ella é constructora. E' um ordenado de duas mil libras, Paulina! Pois bem: recuso porque não vendo por dinheiro nenhum uma grande esperanza...

—Uma grande esperanza?!... perguntou Paulina anciosa.

—A esperanza da minha unica felicidade, a esperanza do teu amor...

Então, aos olhos de Roberto, Paulina deu a prova ultima da sua rehabilitação.

Serenamente, com uma nobre gravidade, ella disse-lhe:

—Ouve, Roberto. Compreendo-te. Tu amas-me. Tambem eu te amo. Digo-t'o assim francamente, porque o sinto e porque sei que tu o sentes. Felizmente que acho uma occasião de te jurar que sou outra, que sou digna de ti! Até hoje tens-me tu educado. Tu ensinaste-me o dever: vou mostrar-te que o comprehendí, ensinando-t'o pela minha vez.

Roberto olhou-a espantado.

—Pasma? Tens razão!... Mas ouve: agora não foste coherente com as tuas ideias. Desanimaste e oscillaste no dever, Roberto... Desanimaste, sim!... Quem o confessou senão tu? E oscillaste tambem recusando um beneficio da sorte, que te assegurava a tua independencia, repudiando o trabalho que te tem creado.

Roberto cravou o olhar no chão. Paulina continuou tocando-lhe levemente no braço:

—E agora pergunto-te eu: não terei razão de queixa de ti?...

Elle ergueu para ella os olhos, de uma doce expressão commovida e murmurou:

—De mim?...

—De ti, sim, affirmou Paulina, de ti! Pois não é de tua parte uma ingratição, uma falta de confiança dizer que ias vender a tua esperanza?... Desesperavas pela ausencia, não é assim? Logo não confiavas... ah Roberto!...

Mas elle não a deixou continuar:

—Cala-te! Tens razão. Ninguem na vida corre sem ás vezes es-

corregar. Ainda bem que tu me amparaste a tempo. Esta noticia imprevista quando eu me achava tão feliz na effeição occulta que te consagrava, perturbou a serenidade do meu espirito. Um acaso feliz uni-nos. Não seria repellir a felicidade o separar-mo-nos? Ouve: conciliaremos tudo. Vou para a Italia: obriga-me a isso o meu dever de trabalhador. Mas juro-te: não irei sem ti! Vou fallar hoje mesmo com meu pae. Dize, Paulina: queres? queres ser a minha mulher, a companheira dos meus trabalhos, das minhas alegrias e das minhas tristezas?...

—Se o quero, Roberto! Pois a quem devo eu o que sou? Quem me fez verdadeiramente mulher, senão tu? Eu quero o apoio do teu espirito e do teu coração. Sem elles sinto-me fraca. Protegida por elles nada temo. Leva-me contigo: sim? Serei tua; vês tu? é a minha ambição. Não peço mais nada á felicidade.

D'ahi a um mez Roberto e Paulina, casados havia quinze dias partiram para Roma por Paris. Acompanhava-os D. Marianna, magnetisada agora pela energica vontade da filha.

Em Paris tiveram uma demora de semanas. Roberto tinha ahi de conferenciar largamente com um dos directores da Companhia constructora de Edimburgo.

Uma noute resolveram ir á Opera, e Roberto que estava no *boulevard* ás oito horas lembrou-se de ir fazer a barba ao *Coiffeur Français* que illuminava convidativamente toda a fachada do seu edificio.

Entrou. Refrescou a cabeça com um *shampooing* e entregou-se aos cuidados de um Figaro que o póz de *belle-mine* por tres francos.

Apressadamente correu ao hotel do Louvre. Estava ainda de sobrecasaca e calças de côr. Tinha de se vestir. Era perto de nove horas. Á porta já esperava o seu *coupé de remise*.

Subiu aos seus aposentos. Paulina deante d'um espelho estava acabando de se arranjar. Vestira uma toilette de setim branco subida, sem um unico folho. Ao pescoço um collar de perolas e na cabeça duas rosas brancas davam-lhe o ar de distincta simplicidade das aristocratas inglezas. Roberto chegou-se ao pé d'ella e beijou-a; e, como Paulina lhe quizesse pagar o beijo, os seus labios sentiram uma massa pastosa na cara de seu marido. Levou os dedos á bocca, e, suffocada de riso, disse-lhe, abraçando-o, cheia de affecto:

—Ó grave moralista, nem tu podeste resistir ao modelo de Pariz! Estás cheio de póz d'arroz, austero anglomaniaco!...

Roberto, então, depois de uma gargalhada de plena alegria, disse-lhe beijando-a de novo:

—Agora só te prohibo o pó d'arroz como medida hygienica. Não sabes que moralmente elle era apenas um symbolo, tontinha?!...

LUIZ DE MAGALHÃES.

## ENTRE SOMBRAS

(Excerpto)

Recortam-se no Azul — a magestosa nave  
que á fraqueza do olhar traduz a Immensidade —  
uns tons de claro-escuro em rude afinidade:  
o ceu exhibe o aspecto exotico, felpudo,  
que recorda o mosaico irregular e mudo  
das vastas cathedraes de cupulas antigas.

Não volitam no espaço as virações amigas,  
que levam sobre a flor os germens das flores,  
nem mesmo os rouxinoes—eternos trovadores—  
modulam tristemente uma canção maguada,  
—emquanto a boa Mãe, a Terra, desolada,  
pranteia silenciosa em lagrimas de orvalho  
talvez a tyrannia, a usura do Trabalho,  
que lhe compra barato os fructos preciosos,  
e lhe rasga cantando os flancos uberosos...

É tudo silencioso. Um tropego cansaço  
parece adormentar as vastidões do espaço  
em lufadas de tedio e pensamentos vis.  
Vagueiam pelo ar narcoticos subteis.  
Envolve a Natureza um calido torpor  
que faz calar o Som e desmaiar a Cor...  
E reina um não sei quê, funerio como as lousas,  
na apparente mudez lethargica das Cousas,  
e no silencioso hostile do seu aspecto triste...

É tudo silencioso! E no emtanto existe  
um *quid* activador, energico, potente,  
a lutar, a lutar silenciosamente  
das vastidões do ceu ás vastidões do mar.

Chocam-se febrilmente os atomos do ar.  
Apunhalam o escuro os gumes coruscantes  
dos floretes de luz dos astros scintillantes...  
E desde a pedra bruta aos refulgentes sões  
pleiteam-se febris, n'um gladiar de heroes,  
as forças da materia em luctas clandestinas...

E eu, que inda ás vezes sinto as nostalgias finas

d'uma crença risonha, e trago no meu peito  
 os destroços crueis d'um Ideal desfeito  
 ao fogo da Razão e á luz da Intelligencia,  
 aos attritos da Historia e á lima da Experiencia;  
 —eu, sinto-me infeliz, humilimo e doente,  
 perante esta rudeza austera e indifferente  
 que a Natureza impõe ás cousas silenciosas  
 na tragica mudez das noites tenebrosas!  
 E se tento fugir á grande dor que oprime,  
 como a recordação d'um tenebroso crime,  
 da minha consciencia os vôos indecisos,  
 —invade-me o torpor dos velhos prejuizos,  
 e então lugubrememente echôa dentro em mim  
 a voz do desalento a segredar-me:

—«Sim:

o mundo envelheceu! Tudo agonisa, tudo...  
 Que o homem—grilheta alvar do carcere do estudo—  
 na rudeza imbecil da sua myopia,  
 lançou por sobre tudo a duvida sombria;  
 e os vagos ideaes plenos de felicidade,  
 que outr'ora acalentava a triste Humanidade,  
 offuscaram-se ha muito aos brilhos da evidencia  
 e ao coruscar hostile do gladio da Sciencia!...  
 A crença, baqueou aos golpes da Razão;  
 mas dentro de nossa alma, em nosso coração,  
 nem fulge da Certeza a estrella diamantina,  
 nem scintilla da Fè a sarça purpurina...  
 E a bella Crença-nova,—a casta virgem-Mãe  
 da exacta concepção do codigo do Bem—  
 modesta como a paz, fria como um cutello,  
 debalde a tem chamado a lingua do escarpello!  
 Não se crê nem se affirma. A nossa consciencia,  
 dobra-se, como um vime, aos sopros da Sciencia:  
 perdeu a autonomia, a aza incoercivel  
 com que sabia alar-se aos mundos do Intangivel...

E, assim, n'um rastejar de verme estonteado,  
 eis-nos cegos de dor, minados pelo enfado,  
 tristes, desnordeando em busca do Ideal,

por entre as nuações estupidas do Mal!  
E vamos, fronte baixa, a contemplar o pó,  
na vaga abstracção de quem se julga sô,  
esquecidos do Amor, tristonhos e doentes,  
sem crença no Porvir... olhando descontentes  
por entre a nuvem negra e densa dos mysterios,  
o vicejar da flor no chão dos cemiterios...

Coimbra.

A. RODRIGUES BRAGA.

### O ROMANCE REALISTA E A ESTHETICA POSITIVA

O romance moderno, dirigido e realiado pela disciplina coordenadora do *realismo*, está longe, ainda assim, de ser debaixo do ponto de vista da Esthetica, da Moral, da Psychologia e da Logica, um instrumento litterario completo.

As accusações, que contra o realismo se tem levantado de immoralidade e corrupção, são falsas e ridiculas. E' a lança de papel dourado com que o tem querido atacar todos os que não sabem descobrir na synthese de uma obra a sua ideia fundamental.

Não é esta a razão que me leva a não crer no futuro da eschola de Flaubert e Zola. O realismo não cria — eis a sua deficiência. Não cria, nem póde criar, porque o seu puro character de analyse impede a formação das grandes syntheses — que é o trabalho dos genios litterarios como Shakspeare, Molière, Byron, Goethe e Balzac — para falar só dos modernos.

O realismo realisou, realisa e realisarà por muito tempo na litteratura contemporanea um grande, utilissimo e humanitario papel. Este papel é duplo — como toda a funcção analytica. Ao mesmo tempo que destroe pela negação, vae pela analyse accumulando os dados de reconstituição do typo actual, n'essa obra paciente e gloriosa, que Zola chamou a formação do *documento humano*.

Além d'isto, reconhecendo a supremacia directora da Sciencia e da Philosophia, o realismo prestou á Arte este serviço enorme: — laval-a do subjectivismo metaphysico.

O espirito romantico, indisciplinado, desorganizado pela influencia do individualismo de Rousseau; enervado pela concentração do sentimento humano no *ego* pessoal, insociavel e selvagem; foi energicamente combatido por essa eschola, que substituiu, na Logica litteraria, a inducção paciente á deducção de um principio abstracto prestabelecido,

e na Moral ao ponto de vista do individuo, o ponto de vista da sociedade.

Mas isto seria tudo? Não, de certo. O realismo tinha dado apenas o primeiro passo, e não podia dar o segundo sem se dissolver.

O methodo litterario (o tal *processo* que tem irritado tantos nervos ingenuos!) é identico ao methodo scientifico. Na Litteratura como na Sciencia a verdade alcança-se pela dupla função logica da analyse e da synthese — esta precedida por aquella. O ideal da Sciencia é a criação de vastas generalisações—as Leis. Os factos são secundarios—são um meio. Do mesmo modo na Litteratura, o grande fim é a criação de typos genericos, abstractos, ideaes, a que Taine chama os *personagens*. As *scenas*, os factos, constituem a base indispensavel, é certo; mas de fórmula nenhuma a sua exclusiva reprodução pôde constituir toda a operação artistica.

Seja qual fôr o character moral d'esses typos—a Arte tem attingido o seu grande fim creando-os. Compete á critica explical-os, condemnando-os ou glorificando-os. Esta é a parte da obra que pertence á Moral e com que a Arte não tem nada. Tammanho é o typo barbaramente cavalheiroso e nobre de Othello como o vulto invejoso, traioeiro e viperino de Iago. Tão altamente artistico é o perfil aspero e repellente do avaro Grandet como a suave e doce physionomia de sua filha Eugenia. Tão extraordinaria é a criação do Marquez de Lantenac como a de Gauvain.

Convem marcar de uma vez o verdadeiro limite das relações entre a Moral e a Arte. N'este ponto o catholicismo tem suscitado um erro vergonhoso, resultante da ignorancia dos censores theologos em materia de Esthetica. O catholicismo, arvorado em critico de moral, fez e faz as mais irreverentes profanações no campo da Arte. A *Notre Dame* e os *Miserables* de Victor Hugo, o *Ashaverus* de Quinet, a *Madame Bovary* e a *Salammô* de Flaubert, esse cofre dos mais castos e puros sentimentos chamado *L'Amour*, de Michelet, as obras de Heine, dos dous Dumas, de Lamartine, de Sue, de George Sand, estão excomungadas pela sabia Congregação do Index. Não ha catholico nenhum que não considere o *Assomoir* e a *Nana* uma torpesa. E no entanto, estes dous romances são de uma moralidade superior á de muitas orações da Cartilha! O caso todo está na capacidade critica dos leitores: — está em se comprehender a ideia atravez da impressão das palavras.

A Moral e a Arte são independentes,—isto é, o livro mais immoral d'este mundo pôde ser comtudo uma obra de arte superior: exemplo no genero erotico as *Novellas* de Boccacio; exemplo, entre todos frisante, a *Namouna* de Musset.

Portanto, no sentido da possibilidade real — nada impede que a obra mais verdadeiramente artistica seja, ao mesmo tempo, a obra mais profundamente desmoralisadora. Mas, moralmente, um trabalho artis-

tico desculpará pela sua perfeição a sua immoralidade? De fórma nenhuma.

Moralmente — é claro — tal independencia não deve existir. Urge harmonisar a Arte e a Moral; e esta harmonia obtem-se desde que se crie um intuito philosophico.

Vejam, portanto, para que uma obra de arte seja verdadeiramente humana, quaes as bases em que a temos de fundar.

A obra de arte—como manifestação social—tem uma complexidade extraordinaria. Ramifica-se nas mais diversas fórmas da actividade humana. Um romance de Balzac, um poema de Victor Hugo, não podem hoje ser considerados pela critica philosophica exclusivamente como um trabalho artistico. Qualquer d'estas obras está intimamente ligada com a Moral, com a Politica, com a Industria, com o Commercio, com a Religião, com o Direito, etc. E a prova é que a Politica prohibiu a leitura dos *Chatiments* em França, o Direito julgou Flaubert, a Industria e o Commercio fazem sommas fabulosas com as edições litterarias, a Religião condemnou Balzac e Victor Hugo, etc.

Quando se estuda uma obra de arte é preciso encaral-a por todos os seus lados—sempre que a critica saía do ponto de vista strictamente esthetico, para o mais largo e generico aspecto do *effeito social* d'esse producto artistico.

Do mesmo modo que o bom gosto e o bom senso aconselham que toda a producção industrial seja ao mesmo tempo artistica e moral, igualmente se deve comprehender que toda a obra artistica seja ao mesmo tempo um producto industrial (Proudhon) e um producto moral (Clavel).

A nossa epocha intellectualmente caracteriza-se pelo encyclopedismo, pela solidariedade das sciencias realisada na vasta synthese hierarchica da classificação comteana. A ideia das soluções de continuidade em Sciencia desapareceu com o espirito revolucionario da metaphysica. O evolucionismo é o grande principio do nosso tempo, principio irrecusavel desde que se descobriu que a evolução era a lei generica da trama universal dos entes.

As duas grandes manifestações da intelligencia humana—a Sciencia e a Arte—são hoje inseparaveis. Toda a Arte deve ser scientifica, toda a Sciencia deve ser artistica. E não se nos diga que estas duas forças são inconciliaveis e inimigas. Para nos convenceremos de que a Sciencia póde despertar um elevado sentimento artistico no espirito dos pensadores basta-nos lêr algumas paginas de Spencer, lêr *Le Monde marche* de Pelletan, a prodigiosa *Creation* de Quinet, todos os trabalhos scientificos, philosophicos e historicos de Michelet, e, n'uma eschola diversa, muitos dos escriptos de Littré; e mesmo entre nós, um livro publicado ainda ha bem pouco tempo, e que é um verdadeiro poema naturalista—a *Anthropologia* do sr. Oliveira Martins. Quanto á base scientifica das concepções artisticas ahi estão os poemas de Vi-

ctor Hugo e os versos de Ackermann—quanto ao objecto, e os romances de Zola—quanto ao methodo, romances que são feitos—como elle proprio o confessa—com um tratado de physiologia nas mãos. Ahi têm os poemas de Theophilo Braga e de Guerra Junqueiro, os versos de Anthero do Quental, que são obras poeticas perfeitamente sociaes—e portanto com um assumpto e uma these mais ou menos scientificos. De resto bastava conhecer-se os trabalhos dos dous maiores criticos do nosso tempo, Taine e Veron, para se acceitar logo esta theoria tão simples, clara e racional.

Prosigamos. Provada a solidariedade das manifestações intellectuaes do homem—como influem na Arte as outras forças mentaes?

Este problema generico resolvido uma vez, tem-se achado a fórma definitiva do romance moderno.

Antes de mais nada, porém, uma pequena observação. Distingamos claramente certos termos. Urge não confundir Sciencia e Philosophia, Arte e Esthetica—como de ordinario acontece. A Philosophia está para a Sciencia como a Esthetica está para a Arte. A Sciencia é o conhecimento do factio, a Philosophia é a synthese. Do mesmo modo, no que diz respeito á Arte e á Esthetica: a Arte é a producção do phenomeno: a Esthetica é a theoria, a ideia, o principio.

Já que temos definidas as quatro principaes forças do espirito humano, vejamos como o romance, que é um producto d'elle, ha de ser influenciado por cada uma d'essas energias.

O romance tem de se vaziar successivamente n'estes quatro moldes—para ser um producto humano completo e logico. Terá da Arte os processos, o methodo, a fórma, a observação e a generalisação:—terá da Esthetica os principios geraes que determinam a creação do Ideal—as theorias, a correlação historica, o character de expressão, etc. Terá da Philosophia a disciplina da Moral, da Politica e de todos os factores sociaes, a actualidade sociologica, o fim, o intuito, a these:—terá da Sciencia o subsidio para as observações, a execução dos methodos, nos principios de todas as sciencias—especialmente as biologicas e sociaes.

Esta noção é a base indispensavel da sciencia critica dos nossos dias. Para apreciarmos ou para formarmos uma obra litteraria é preciso partir d'estas grandes verdades e regularmo-nos por ellas. Não satisfazendo a qualquer d'estes requisitos podemos dizer que essa obra *cozeia*. Ella não exprimirá o completo poder da alma humana. Houve alguma cousa que esqueceu, uma pequena energia que não foi posta em acção, e que a mutila irracionalmente.

Perguntamos: satisfaz o realismo a todos estes requisitos?

Não.

O realismo não tem idealisação, e n'isto fere a Esthetica. Tem intuitos, é moral, é methodico, é scientifico: não é, comtudo, generalizador. Exclusivamente analyticos os seus typos não tem destaque nem

cunho: perdem-se na vulgaridade do real. Zola, por exemplo, onde nos dá elle um typo? Em parte nenhuma. Já a comprehensão de Balzac é mais larga e mais vasta. Por isso os seus personagens elevam-se á altura de verdadeiras creações: e nos seus romances, a par da analyse e da observação, ha tambem a generalisação e a synthese. Elle cria —que é o que Zola não tem feito. Balzac é um pintor: Zola um simples photographo.

Vê-se, portanto, que o realismo é uma phase apenas da litteratura moderna. Para completarmos essa litteratura é indispensavel dar-lhe uma força de criação — força que se póde ir buscar á obra incomparavel do mestre — Balzac. O realismo é a expressão de um só dos methodos litterarios — a analyse. Elle não é portanto uma eschola perfeita, é um processo de eschola apenas. Usemos d'este processo combinado com o de synthese e então o romance futuro apparecerá — chamem-lhe lá como quizerem.

Coimbra.

LUIZ DE MAGALHÃES.

## SAVONAROLA

No recinto calado e funerario  
d'um rendilhado templo florentino,  
prostrava-se deante do sacrario  
Savonarola, o mystico divino.

Erguia o doce olhar de visionario  
—abyssmo deslumbrado e crystalino—  
ás curvas ogivae e ao lampadario  
batido por um raio matutino.

A rosacea dos templos gloriosa,  
suspendida no meio dos altares,  
attraia-lhe a fronte luminosa . . .

Perdera-se n'um sonho transcendente:  
e como a flecha que se eleva aos ares,  
subia a prece do seu labio ardente . . .

Coimbra.

MANUEL DA SILVA GAYO.

## DUAS QUADRAS

(I.)

D'aqui, d'estas longes terras,  
para que o Estro se encarne,  
a ti, que no corpo encerras  
as harmonias da Carne,

—na aza dos vendavaes,  
envio um beijo tão longo,  
que as bocas—duas vogaes—  
possam formar um diphthongo!

ANTONIO FEIJÓ.



## O CATHOLICISMO E A SCIENCIA

Lembram-se perfeitamente os leitores d'esta *Revista*, que no primeiro numero d'ella publicámos um artigo de polemica, em que respondiamos ás affirmativas calumniosas e estultas d'um clérigo ignorante e mal intencionado, e de passagem nos referiamos a um papel jesuitico que para ahi se imprime em Coimbra, e que, ao simples annuncio da publicação d'esta *Revista*, nos saudára com algumas phrases deploravelmente grosseiras.

Não se terão tambem esquecido os leitores de que o nosso escripto, se castigava com a devida severidade as perfidas subtilezas do tonsurado alludido e a insensata e provocadora incivilidade do papel das sachristias de Coimbra, não excedia comtudo os limites de moderação, de urbanidade, que nos prescreviam a um tempo a indole da nossa educação e a natureza d'esta *Revista*.

No entanto os nossos *evangelicos* adversarios é que não estiveram dispostos a respeitar esses limites: ultrapassaram-n'os com a mais descomposta desfaçatez, e desde esse momento elles deixaram de poder ter nas paginas d'esta *Revista* a resposta que não mereciam no tom e estylo em que aqui podia ser inserida.

N'outro lugar, porém, foi inflingida a essa lamentavel cohorte reaccionaria a correcção merecida á petulancia da sua lingua desbragada e ao cynismo da sua criminoso propaganda.

Tudo isto vem aqui para dizer ao leitor que foi d'esta polemica, tão tristemente ingloria, que nasceu no meu espirito a ideia de elaborar os artigos que hoje começo a inserir n'estas paginas. Despida das

grosserias soezes em que os srs. clérigos a envolveram aquella controversia não era no fundo senão uma manifestação da constante antinomia que se dá entre a sciencia e a religião. Não me levem esta phrase á conta da immodestia. A sciencia não a representava eu: representava-a o sr. dr. Garcia que fôra alvo d'uma reverenda diatribe pelo character scientifico e moderno que imprime ao seu ensino como professor na Universidade. Depois eu, tomando a sua defeza, é que mereci tambem algumas *amabilidades* aos intransigentes representantes do ronceirismo theologico.

Tal foi a origem remota d'estes artigos, escriptos ao correr da penna, e entre mil occupações diversas, sem pretenções, mas com sinceridade.

## I

Assentemos em primeiro lugar como principio das nossas reflexões que nós não vimos discutir com theologos e fieis. Taine, o eminente critico, escreveu n'um dos seus livros <sup>(1)</sup> uma phrase a um tempo espiritosa e profunda, que nunca nos esquecerá. Disse elle que «ha sempre um certo ridiculo em discutir com um crente». Tinha razão o illustre escriptor. Um crente não tem argumentos, tem fé. Aos raciocinios mais logicos oppõe a obstinação das suas crenças. As provas historicas mais irrecusaveis corresponde com um sorriso de desdem.

A nossa questão, portanto, não é inaugurar uma controversia esteril e sobretudo ridicula, como lhe chama Taine.

É definir claramente o antagonismo manifesto entre a sciencia moderna, tal como os ultimos trabalhos experimentaes nol-a definem, e a religião catholica, tal como a egreja a estatue. É accentuar bem a absoluta incompatibilidade que ha entre estes dois factores sociaes, e provar que toda a pretendida conciliação entre elles, é simplesmente impossivel.

Em primeiro lugar os methodos de que uma e outra se servem são absolutamente oppostos. A religião não estabelece doutrina senão fundada na inspiração e na fé. A sciencia não admite verdades que não tenham por base a observação e a experiencia. A religião tem como elemento principalissimo o milagre, ainda que elle se opponha á fatalidade das leis naturaes. A sciencia repudia completamente tudo o que contraria estas leis, e que, portanto, não póde existir senão na mente escandecida d'alguns mysticos allucinados. A religião fortifica-se na immutabilidade dos seus dogmas. A sciencia nada considera immutavel, e estabelece a evolução como a lei suprema tanto do mundo cosmico, como do mundo social. A religião entrincheira-se na infallibili-

(1) *Nouveaux essais de critique et de histoire*, par H. Taine—pag. 10.

dade do seu pontifice, e a sciencia ri-se de todas as infallibilidades, e sobretudo das decretadas pelos concilios. A sciencia fornece a Galileu as provas do *heliocentrismo*, que é hoje verdade irrecusavel, e a religião adstricta á velha versão biblica, persiste na theoria geocentrica, que é um erro. A sciencia dá á grande alma do famoso sabio de Pisa a gloriosa energia para morrer exclamando: «*e pur si muove!*», e a religião fornece á egreja a triste coragem de mandar perseguir e matar Galileu.

É inegavel este antagonismo, e, á primeira vista, salta aos olhos de quem estiver despreoccupado de preconceitos e illusões, que são inconciliaveis tão contradictorios elementos. No entanto essa conciliação impossivel tem sido baldadamente intentada por muitos, e estas tentativas, aliás infructiferas, são vivamente abraçadas por todos aquelles que, sem forças para se arrancarem ás crenças religiosas que lhes incutiram no animo infantil, têm o espirito bastante esclarecido para não poderem negar a inelludivel evidencia, com que se impõem as modernas descobertas scientificas a todas as intelligencias, não de todo obscurecidas por uma ignorancia absoluta ou transviadas por uma educação defeituosa.

No momento historico, em que nos achamos, que é inegavelmente de lucta e de transição, em que a mentalidade collectiva começa a soffrer uma transformação radical, em que as illusões do mysticismo e os devaneios metaphysicos vão cedendo, passo a passo, aos conhecimentos positivos e precisos, derivados do exame experimental e concreto da natureza e da sociedade; n'este periodo de decadencia d'um certo estado intellectual e social e da elaboração d'um outro mais perfeito e mais harmonico com as necessidades e circumstancias actuaes, este antagonismo entre as antigas crenças e as modernas verdades scientificas toma novo relevo, e a lucta que d'aqui deriva alcança o maximo da sua impetuosidade.

D'um lado o passado, congregando n'um esforço supremo todas as forças dos seus fieis legionarios, emprega todo o prestigio e toda a valia que lhe restam para manter o seu dominio. Do outro lado, o futuro, sereno e conscio de seu inevitavel triumpho, aproxima-se constantemente de nós e vai-se de todo assenhoreando do campo, que dentro em pouco lhe ha de pertencer exclusivamente. E entre estes dous elementos, entre os dedicados defensores do que foi, e os apostolos entusiastas do que ha de ser, oscillam muitos espiritos debeis, vacillam muitas consciencias timidas, hesitam muitas vontades indecisas.

## II

N'estas circumstancias uma das luctadoras mais acerrimas e mais indefessas a favor do passado tem sido a egreja catholica.

Não é hoje permittido a ninguem, medianamente versado nos modernos trabalhos historicos, o imitar os philosophos do seculo XVIII, que, por uma natural reacção, negavam ou pretendiam deprimir a acção civilisadora da religião christã n'um dado monumento historico, desconhecendo a sua profunda influencia na transformação do mundo antigo para o mundo moderno, e chegando até a lamentar que ella tivesse substituido o paganismo romano (1). Os mais avançados escriptores do seculo passado queriam até tornar o christianismo responsavel por todas as calamidades e soffrimentos que affligiram a humanidade durante o periodo da idade media, que elles se obstinavam erradamente em considerar com uma idade de trevas.

A moderna philosophia, porém, e Augusto Comte á frente d'ella (2), prestaram a devida homenagem aos serviços feitos pela religião e pela igreja, e Comte consagra-lhe até algumas das mais bellas e eloquentes paginas da sua grande obra. No seu bello livro—*Etudes sur les Barbares et le moyen age*—Emilio Littré caracteriza admiravelmente o papel do elemento christão na transformação social operada pela queda do imperio romano e pela invasão dos barbaros.

A philosophia positiva ensina-nos a respeitar o passado, a ver n'elle as diversas phases da evolução social, mas ensina-nos tambem que esta evolução é constante, que não são possiveis os retrocessos, e que, ainda que haja successos e crises que parecem alterar essa linha evolutiva, traçada pelo caminhar da humanidade atravez da historia e das edades, esses successos e essas crises não modificam a curva geral d'aquella linha evolutiva. Diz Littré, no livro citado (3), que essas dores e essas miserias representam na vida social o mesmo que as molestias e os soffrimentos na vida do individuo. Quanto mais complexa é uma ordem natural, mais está ella sujeita a perturbações; e como não ha nada mais complexo do que a vida dos animaes e das sociedades nada ha mais propenso a estas enfermidades.

Não se nega, pois, á igreja o seu papel importantissimo na historia. Não se contesta ao espirito christão a sua profunda e salutar influencia na transformação medieval. Mas contesta-se, mas nega-se a essa igreja e a esse espirito a pretensão de se não transformarem e de quererem perpetuar o seu dominio no mundo, escudados com a immutabilidade dos seus dogmas, com a infallibilidade dos seus pontifices e com auctoridade dos seus precedentes.

Foram estas pretensões que talharam a mortalha do catholicismo que hoje ahi agonisa, nas vascas da morte. Foram estas pretensões que

(1) Corrêa Barata—*O Seculo*—2.ª serie, n.º 5 e 6—Fevereiro de 1878.

(2) *Cours de Philosophie Positive*—tom. IV.

(3) Loc. cit., Introduction, pag. XXXI.

levaram inconsideradamente a igreja a substituir o primitivo espirito christão pelo espirito catholico, bem outro e bem diverso d'aquelle (1). Foram estas pretensões que levaram a igreja a levantar os innumerados conflictos com a sciencia e com a liberdade, que assignalam tristemente a sua ingloria vida de ha seculos, porque desde o seculo VII a igreja perdeu o caracter christão. Foram estas pretensões que levaram a igreja a escrever com a sua mão sinistra e desvairada no livro negro do Santo Officio a miseravel historia das mais infames perseguições a tantos martyres da sciencia e da liberdade. Foram estas pretensões que levaram a igreja a seguir o espirite auctoritario e theologico, que a torna incompativel com a liberdade moral, com a independencia scientifica, com a autonomia individual, e com toda a philosophia, que é natural adversaria da theologia.

Desde este momento a igreja lavrou a sua sentença de morte, e começou a ser um obstaculo á marcha regular e normal da civilisação e do progresso, marcha que ella não tem podido evitar, porque ella é fatal e necessaria, mas que tem retardado e abrochado de mil estorvos penosos e lamentaveis. Draper, o eminente professor da Universidade de New-York accentúa este papel anti-civilizador da igreja, n'um seu livro muito notavel (2), e termina por declarar que a igreja para triumphar tinha estabelecido a seguinte maxima que tratava de impôr ao mundo: «a ignorancia é a mãe da piedade (3)».

### III

Não é exagerada a affirmação do sabio professor americano. A igreja tem tido o bom juizo de patentear pelos seus actos que semelhante asserção, formulada pelos seus inimigos, é simplesmente a expressão da verdade.

N'este seculo, então, o proceder do catholicismo, representado pelo seu chefe, o pontifice, e pela curia romana, tem sido d'uma tão allucinada insensatez, que só se explica pelo desvario produzido pela aproximação da morte inevitavel. Os seus actos lembram os esforços desesperados do naufrago, que se vê abandonado de todo o recurso, e de todos os lados atacado pelas ondas, que o vão submergir.

Os dogmas da immaculada Conceição e da infallibilidade pontificia, a celebre encyclica, e o syllabus, que o Papa arremessou ás faces do mundo em 8 de dezembro de 1864, e as decisões do concilio que se abriu em 8 de dezembro de 1869 e se fechou nos fins de julho de 1870, são outros tantos desafios á civilisação e á sciencia, mas tão

(1) Corrêa Barata, liv. cit.

(2) *Les conflicts de la Science et de la Religion*, pag. 184 e segg.

(3) Obr. cit., pag. 235.

estolidos são elles, tão absurdos e tão risiveis, que mais parecem outras tantas enxadadas que a egreja quiz dar na grande cova que ha receber o seu cadaver, que apenas um resto de fanatismo estúpido galvanisa ainda, emprestando-lhe uma vida ficticia, um simulacro d'existencia real.

Hartmann assevera em mais d'uma passagem do seu livro — *La Religion de l'Avenir* (1)—que o catholicismo é mais do que nenhuma outra religião adversa á sciencia e hostil a toda a cultura. Como a affirmação de Draper, esta do notavel philosopho allemão, tem a prova mais irrecusavel nos documentos emanados da egreja durante este seculo.

Assim se lê no *Syllabus*, entre a enumeração do que a egreja reputa erros do seculo, na parte que se inscreve — *Errores qui ad liberalismum hodiernum referuntur* — (erros que se referem ao liberalismo moderno) o seguinte:

«*LXXX Romanus Pontifex potest ac debet cum progressu, cum liberalismo et cum recenti civilitate sese reconciliare et componere* (2)».

O que significa que a egreja reputa um erro «que o pontifice romano possa e deva conciliar-se e transigir com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna».

Querem guerra mais aberta e declarada? Querem antagonismo mais frisante e evidente? Querem incompatibilidade mais absoluta e formal?

Não ha de ser facil enconral-a, e quem a declara é a egreja. Tiraremos d'este facto as suas naturaes e legitimas consequencias.

(*Continúa*).

CARLOS LOBO D'AVILA.

## MADRE PAULA

Na cella côr de fogo, a mystica sultana  
—Madre Paula—dormita em flaccida ottomana.

Um Christo de marfim, na sua cruz lavrada  
parece contemplar-lhe a face desbotada.

E a Virgem lacrymosa, em quadro primoroso,  
desvia com tristeza o seu olhar choroso

da peccadora ideal que dorme socegada,  
como a creança dorme o somno da alvorada.

(1) Obr. cit., pag. 12 e 29.

(2) *Syllabus*, na integra, Appendice do volume—*L'Infallibilité Pontificale* par mr. l'Abé Lesmayeux.

Nadam perfumes bons no silencioso ambiente:  
 emanções subtis d'uma volupia ardente.

Da lampada suspensa esbate-se tenuissima  
 a luz que ella accendera a sua Mãe Sanctissima...

E ella sonha, entreabrindo a bocca nacarada,  
 envolvida na luz hostile da madrugada.

\*

Tocava para o côro. A freira então desperta  
 e vae, meia a dormir, hallucinada, incerta,

aspergir d'agua benta o rosto encantador,  
 como o rócio orvalhando as petalas da flor...

Disseram-lhe que Deus, Cordeiro Immaculado,  
 recompensa e perdôa os crimes e o peccado,

quando se resa e chora em dura penitencia:  
 —Magdalena morreu, coberta de clemencia!—

E, quando ia a sahir, para cantar matinas,  
 á Virgem supplicou, nas preces matutinas,

que fizesse arraigar no amante estremecido  
 o amor que lhe retalha o coração dorido...

.....

Abriu-se de repente o largo reposteiro,  
 mostrando-lhe o perfil d'esbelto cavalleiro.

Correu-lhe pelo corpo um lubrico veneno...  
 —Entrava D. João V affavel e sereno.—

Coimbra.

A. PAÇÔ-VIEIRA.



## BIBLIOGRAPHIA

## IV

**ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA, por J. P. Oliveira Martins—2.<sup>a</sup> edição—Bibliotheca das Sciencias Sociaes**

É um pequeno livro e um trabalho de subido valor, prognostico facil a todos os que, havendo percorrido as obras da Bibliotheta das Sciencias Sociaes, tiveram ensejo de reconhecer e admirar a forte individualidade do sr. O. Martins, e ahi aprenderam a respeitar o nome do austero e assiduo trabalhador.

Tendo de occupar-nos por alguns instantes d'este livro, se por um lado com vivo prazer podemos, da nossa obscuridade, exprimir o respeito que nos merece o nome que o firma, tambem por outra parte—francamente o declaramos, perante esse nome não é sem hesitar que emittimos opinião e produzimos as impressões proprias.

Colligindo documentos fornecidos pelas modernas descobertas biologicas, archeologicas e ethnologicas, o auctor expõe a largos traços o que o homem tem podido aprender, o que a sciencia moderna lhe tem revelado sobre o debatido problema da sua origem, e descortina os seus primeiros passos nas trevas de um passado remotissimo.

Tal é o plano dos *Elementos de Antropologia*, que o sr. O. Martins nos apresenta, como prologo d'essa obra, onde expõe o systema das leis do organismo social porque «sem uma previa definição da natureza do individuo componente da sociedade, a obra inteira seria uma empresa vã».

Não se dirige o auctor aos homens da sciencia, dedica o seu livro á maioria, aos estranhos ou pouco ao corrente dos grandes problemas e interessantes questões, que lá fóra agitam a opinião do mundo scientifico, e que publicações da natureza d'esta têm posto ao alcance de todos; é um livro de vulgarisação, emfim, e livros d'esta natureza, quando conscienciosamente feitos prestam sempre um bom serviço.

O auctor divide o seu trabalho em cinco partes e, começando na primeira—A CREAÇÃO—pelas noções indispensaveis de geologia, esboça a largos traços as primeiras edades da terra.

Depois, fallando-nos das fôrmas animaes superiores do periodo terciario, em que a vida attingiu na terra toda a sua plenitude, descreve-nos os typos anthropoides e resume com lucida nitidez os documentos abonadores da hypothese transformista.

Nas ultimas partes do livro, onde ha paginas verdadeiramente bellas, e quadros primorosos, prosegue a historia d'esse «bruto e mudo animal que a principio com as garras e as presas, afinal com armas defendia o tecto e a comida pendente das arvores: depois inventara a falla, depois a cidade e as leis».

Esta série de capitulos, vivamente coloridos por um estylo elegante,

formam uma leitura agradável, e que interessa do principio ao fim, ainda mesmo para quem não adopta sempre o ponto de vista philosophico do auctor.

E referindo-nos á execução litteraria é porque não a julgamos coisa indifferente em uma obra de vulgarisação, em que é essencial prender o leitor não raras vezes pouco disposto a soffrer a exposição ordinariamente austera das obras scientificas.

Uma reflexão fazemos, comtudo, com franqueza. Notamos, e em mais de um logar, que o sr. O. Martins, registrando por um lado cuidadosamente os factos, os dados positivos, sente-se todavia inclinado a collocar de preferencia o seu ponto de vista dentro da área da philosophia especulativa.

Por exemplo, diz a pag. 61 do seu livro: — «Houve, não houve fórmulas intermediarias entre as fórmulas conhecidas dos anthropoides e dos homens? Questão decerto eminente para o naturalista, quasi indifferente para nós. Desde que o pensamento humano repelle por inconcebível a idéa de uma criação simultanea de typos immutaveis, por força nos antecedentes ha de ir buscar a origem dos consequentes, quaesquer que sejam as lacunas, os hiatos, as distancias que, ou a natureza galgou de improviso, ou a nossa incipiente sciencia não pôde preencher ainda».

O sr. O. Martins estabelece o dilemma: ou criação ou evolução organica progressiva. Repellido o primeiro termo julgar-nos-hemos por isso obrigados a adoptar o segundo, e, como se fôra facto bem averiguado, incluiu-o no nosso credo scientifico? Seria necessario confundir a concepção subjectiva, a hypothese, com a experiencia.

E, se existem esses hiatos, essas lacunas,—como poderemos cheios de firme confiança transpol-os, aplanando o caminho com simples analogias, e dar á doutrina transformista os fóros de conquista da sciencia, e não a deixando antes prudentemente no campo das hypotheses?

Fallando d'esta maneira de formular as questões, Littré diz que a philosophia que se abstem da solução «dá ao espirito todas as garantias desejaveis sem lhe impôr a necessidade de tomar uma hypothese por um facto». E por isso preferiríamos nós reconhecer no livro do sr. O. Martins a salutar direcção d'essa philosophia.

Terminando estas nossas ligeiras reflexões, repetiremos ainda que se no livro ha opiniões das quaes nos permittimos divergir, nem por isso deixamos de o admirar, e de reconhecer nelle, mais uma vez, as poderosas faculdades do sr. O. Martins.

A segunda edição vem augmentada de interessantes informações sobre o congresso anthropologico ultimamente reunido em Lisboa.

LUIZ WOODHOUSE.

## V

**PORTUGAL CONTEMPORANEO, por J. P. Oliveira  
Martins—2 v. Livraria Bertrand, 1881.**

Não dispomos do tempo e do espaço necessarios para fallarmos detidamente do novo livro do sr. Oliveira Martins. Porisso as poucas linhas que se vão ler devem ser apenas consideradas como um agradecimento da *Revista* ao auctor do *Portugal Contemporaneo* pela delicada offerta do seu livro, e como um testemunho de admiração do signatario d'esta noticia pelo grande talento do notavel historiador.

O *Portugal Contemporaneo* é d'aquelles livros, que para serem seriamente criticados, exigem uma leitura cuidadosa e reflectida. Não é uma obra vulgar sobre a qual a critica passe ligeiramente, dizendo duas banalidades consagradas. Ora presentemente falta-nos o tempo para relêrmos o *Portugal Contemporaneo* com toda a escrupulosa attenção, que merece á critica uma obra de tamanha importancia e de tão grande vulto.

Porisso limitamo-nos a expôr a primeira impressão de uma leitura rapida, feita irregularmente entre preocupações e trabalhos diversos.

O *Portugal Contemporaneo* é pelo seu assumpto um livro difficilissimos. Ainda vivos muitos dos actores da scena historica que o sr. Oliveira Martins aprecia, eram precisas muita coragem e muita independencia para se julgar desassombradamente homens e factos. Este cunho de coragem e de opinião propria é uma das mais brilhantes qualidades do livro.

Como historia, o *Portugal Contemporaneo* resente-se de uma incon-tinuidade de factos, que é, comtudo, um resultado do methodo extremamente synthetico que o sr. Oliveira Martins usa nos seus trabalhos historicos. Por isso ás vezes a critica acha-se escravizada pelo juizo do historiador que só aponta os factos comprovativos da sua opinião. Ha n'isto talvez um pequeno exaggero do methodo *á priori*, que, em historia, perturba quasi sempre a apreciação livre dos successos.

A parte constructiva do livro é uma interrogação sómente. Talvez que o sr. Oliveira Martins a desenvolva mais tarde em outra obra, em que o distincto escriptor affirme com mais clareza as suas opiniões pessoas sobre a verdadeira marcha politica da nação. Fica-se desolado no final, porque o sr. Oliveira Martins fecha a porta a todas as soluções que ora se debatem como escholas de politica. Verdade é que a sua opinião sobre os partidos militantes tem, infelizmente, muito de verdade, e que o seu *pessimismo* é mais justificavel do que muita gente credula suppõe.

Como obra critica o *Portugal Contemporaneo* é uma obra de pulso, um vigoroso trabalho de demolição, que põe em terra muitas len-

das quasi geralmente acceitas. Uma das primeiras necessidades de quem quer fazer historia é desfazer a lenda, primeiro. Este preceito de Quinet comprehendeu-o admiravelmente o sr. Oliveira Martins. Não o prenderam considerações de ordem alguma: diz com firmeza e sinceridade o que pensa ácerca dos homens e das cousas—quer tenha de condemnar as traficancias sordidas, quer tenha de engrandecer os actos de generosidade e de valor. A implantação do regimen constitucional entre nós é posta alli a nú, sem as exaggerações de heroismo e de epopêa de que a cercava um pretendido amor da patria balofo, que não passava por fim d'um simples orgulho de familia politica. A lenda do Exercito Libertador, do *liberalismo* da nação, provadamente fanatica e absolutista, desfaz-se deante de uma critica fria, que dá justiça a todos, sem *parti-pris*. Vê-se que a politica portugueza é desde então para cá uma politica artificial, feita por dous grupos que tiveram os seus partidarios sinceramente illudidos, e que hoje apenas têm partidarios sinceramente... interessados... Os grandes vultos são destacados com relevo na trama d'essa scena politica. Ha homens estudados com amor: por exemplo Passos e Herculano. Algumas paginas são repassadas d'aquelle mesmo poderoso sentimento, d'aquelle entusiastica poesia atravez do qual o sr. Oliveira Martins viu na *Historia da Civilisação Iberica* e na *Historia de Portugal* os vultos de Nuno Alvares, dos infantes D. Pedro e D. Henrique, de Camões, de Affonso de Albuquerque, de D. João de Castro, de D. Sebastião, e de todos aquelles em cuja alma, o seu espirito de poeta percebe algum lado heroico e generoso.

Que a obra tenha defeitos, incorrecções, inexactidões nada d'isso nos admira n'um trabalho d'esta ordem. Que quem tiver vagar e saber os corrija.

Para nós este livro representa mais uma affirmacção brilhantissima de um talento elevado e independente, d'um estudo pertinaz e continuo que todos os annos enriquece a nossa livraria com trabalhos de superior importancia. A esse talento, pois, enviamos os protestos da nossa admiracção, pedindo-lhe que nos releve o atrevimento de emittir sobre a sua ultima obra um parecer tão ligeiro e de penna tão pouco auctorizada.

LUIZ DE MAGALHÃES.



# EXPEDIENTE

## EXPEDIENTE DA ADMINISTRAÇÃO

A *Revista Scientifica e Litteraria* sairá regularmente uma vez cada mez e será publicada ás séries de 6 numeros.

Cada numero custa . . . . . 100 réis.

Para simplicidade do expediente pagam-se adiantados tres numeros, responsabilizando-se os Redactores pelo apparecimento do jornal nos mezes pagos.

De todas as publicações, de que se recebam dois exemplares, se fará um annuncio na capa, sempre que os editores ou auctores o requesitem.

---

## EXPEDIENTE DA REDACÇÃO

Como orgão do trabalho mental da presente geração academica, a *Revista* abre a porta a todos os que, nas condições do seu programma, lhe queiram honrar as paginas com a sua collaboração.

Previne-se comtudo que a Redacção reserva-se do direito de modificar os manuscriptos que lhe sejam enviados, todas as vezes que o julgue indispensavel.

Além d'isso, exige-se para a publicação que o artigo venha assignado pelo seu auctor, ainda que não se lhe publique o nome.

A *Revista* fará todo o possivel para dar conta na secção bibliographica das publicações recebidas.

Toda a correspondencia dirigida para a Redacção—Rua da Trindade, 36—COIMBRA.

---

# LUIZ DE MAGALHÃES

## PRIMEIROS VERSOS

1 volume impresso em typo Renascença e Elzevir sobre papel de luxo, na Imprensa Portugueza.

À venda nas principaes livrarias de *Lisboa, Porto e Coimbra.*

Preço . . . . . 500 réis.

---

## ANTONIO FELJÓ

### SACERDOS MAGNUS

versos recitados no sarau litterario do theatro Academico por occasião dos festejos camoneanos.

Preço . . . . . 200 réis.

---

À venda na Livraria Piros.

---

## NO PRELO:

# LUIZ DE MAGALHÃES

## AS NAVEGAÇÕES

versos recitados no saráu litterario do theatro Academico por occasião dos festejos camoneanos.

---